

caderno de resumos

III

Encontro Brasileiro de Ecolinguística

*Universidade de Brasília
22 a 24 de agosto de 2016*



Nelim
Núcleo de Estudos de
Ecolinguística e Imaginário

FICHA TÉCNICA

III Encontro Brasileiro de Ecolinguística
Evento científico: 22 a 24 de agosto de 2016
Local: Universidade de Brasília – Campus Darcy Ribeiro

COORDENAÇÃO GERAL

Hildo Honório do Couto (UnB/NELIM)
Elza Kioko N. N. do Couto (UFG/NELIM)

ORGANIZADORES

Hildo Honório do Couto (UnB/NELIM)
Genis Frederico Schmaltz (UnB/NELIM)
Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPEC)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Anderson Nowogrodzki (PG-UFG/NELIM)
Prof. Dr. Davi Borges de Albuquerque (Pesquisador NELIM-UFG)
Prof. Dr. Djiby Mane (UnB)
Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes (UnB)
Profa. Dra. Elza Kioko N. N. do Couto (UFG)
Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)
Ms. Genis Frederico Schmaltz (PG-UnB / NELIM-UFG)
Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPEC)
Prof. Dr. Hildo H. do Couto (UnB/NELIM)
Prof. Dr. João Nunes Avelar Filho (UEG-Formosa/NELIM)
Prof. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG-Pires do Rio)
Prof. Dra. Maria Célia Dias de Castro (UEMA-Balsas/NELIM)
Prof. Dra. Mônica Maria Guimarães SAVEDRA (UFF)
Prof. Ms. Lutiana Cassaroli (UFG /NELIM)
Prof. Dr. Ronaldo Manguiera Lima Júnior (UFC)
Prof. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB)
Profa. Dra. Suani Vasconcelos (UEFS)
Profa. Ms. Zilda Dourado (PG-UFG/UEG/NELIM)

EQUIPE DE APOIO

Anderson Nowogrodzki (UFG/NELIM)
Daniel Assis Schmaltz (FH-UFG)
Eduardo Wesley Pereira da Silva (UFG/NELIM)
Genis Frederico Schmaltz (PG-UnB/NELIM)
Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPEC)
Lutiana Cassaroli (UFG /NELIM)
Zilda Dourado (PG-UFG/UEG/NELIM)

ISBN

978-85-64593-40-4

SUMÁRIO

Apresentação	03
Cronograma	04
Programação detalhada	05
Resumos de palestras	10
Resumos de comunicações	13

APRESENTAÇÃO

O III Encontro Brasileiro de Ecolinguística (III EBE) tem o objetivo de divulgar os avanços científicos nos estudos que relacionam linguagem e meio ambiente, relação estudada pela Ecolinguística, inclusive a Linguística Ecológica e a Análise do Discurso Ecológica (ADE).

Além disso, as contribuições podem ser nas áreas de Teoria Ecolinguística, Ecolinguística Crítica, Ecologia das Línguas, Ecologia do Contato de Línguas, Ecolinguística e Etnociências, Ecolinguística e Ensino de Línguas, a questão da metodologia na Ecolinguística, entre outros estudos de áreas conexas que contemplem a relação entre língua e meio ambiente.

O III Encontro Brasileiro de Ecolinguística (EBE) é uma realização conjunta do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB) e do Núcleo de Estudos de Ecolinguística e Imaginário (NELIM/CNPq), que há seis anos desenvolve pesquisas promovendo o diálogo entre a antropologia do imaginário e outras linhas de estudo, sobretudo a Ecolinguística.

A atualidade da discussão sobre a relação que o ser humano estabelece com o meio ambiente também entra como importante justificativa para esse evento, dada à efervescência nos estudos sobre a natureza e a relação entre o ser humano e o seu meio natural, mental e social.

CRONOGRAMA

SEGUNDA – Manhã

8h Credenciamento

9h Abertura e boas vindas

9h 30 Palestra I – Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS)

10h 30 Palestra II – Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPEC)

11h Sessão de comunicação I

13h Almoço

SEGUNDA – Tarde

14h Sessão de comunicação II

15h 45 Coffee break

16h Sessão de comunicação III

TERÇA – Manhã

8h Palestra III - Prof. Dra. Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

10h Sessão de comunicação IV

13h Almoço

TERÇA – Tarde

14h Sessão de comunicação V

15h 45 Coffee break

16h Sessão de comunicação VI

18h Lançamento de livro - O PARADIGMA ECOLÓGICO PARA AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: ENSAIOS ECOLINGUÍSTICOS CLÁSSICOS E CONTEMPORÂNEOS (Hildo Honório do Couto / Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto / Gilberto Paulino de Araújo / Davi Borges de Albuquerque - Editora CEGRAF/UFG).

QUARTA – Manhã

8h Palestra IV - Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)

10h Sessão de comunicação VII

13h Almoço

QUARTA – Tarde

14h Sessão de comunicação VIII

15h 30 Coffe break

16h Palestra V - Prof. Dr. Rui Manuel N. Lima Ramos (Un. Minho – PT)

17h Encerramento

PROGRAMAÇÃO DETALHADA

SEGUNDA

9h Abertura

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)
Prof. Dra. Enilde Faulstich (PPGL / UnB)

9h 30 Palestras I e II

Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS-BA)
Contribuição da etnotaxonomia à formação de nomes animais
Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPEC)
Ecolinguística: percurso de sua afirmação como área dos estudos linguísticos

11h Sessão de comunicação I

Coordenador: João Nunes Avelar Filho (UEG)

Glossário semissistemático da terminologia do pescado no oeste do Pará
Lucivânia Pereira de Carvalho (IFPA)

Um estudo endo e exoecológico da palavra-chave pena
Maria Célia Dias de Castro (UEMA/CESBA); Gisélia Brito dos Santos (UFMA)

Variedade de mandioca e frutas na língua yuhup: breve abordagem sobre as
relações entre língua, povo e mundo
Dalva Del Vigna (UnB)

Ecologia de contato de línguas e a inovação do léxico árabe nas línguas de
muçulmanos não árabes no Senegal
Djiby Mane (UnB)

O trajeto e a rua: a socialidade urbana
Antonio Busnardo Filho (FIAMFAAM); Elza Kioko N. N. do Couto (UFG)

14h Sessão de comunicação II

Coordenadora: Maria Célia Dias de Castro (UEMA/CESBA)

Sertão Urbano: uma leitura ecolinguística das representações do cerrado no
regionalismo musical goiano
Jenniffer Ferreira Alves (UEG); João N. A. Filho (UEG)

Sustentabilidade Ambiental na Comunidade Kalunga Vão de Almas: Uma
Pesquisa na Perspectiva Ecolinguística.
Adão Fernandes da Cunha (CDS/UnB); Rosineide Magalhães de Sousa (UnB)
Ana Cristina de Araújo (CDS/UnB)

Ecossistema cultural em Jurubatuba
Margareth de Lourdes Oliveira Nunes (UFG)

Pensando a capoeira dentro do ecossistema cultural: reflexões iniciais
Zilda Dourado (UEG/NELIM)

Toponímia e ensino: perspectivas interdisciplinares
Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG)

16h Sessão de comunicação III

Coordenadora: Zilda Dourado (UEG/NELIM)

Diversidade e contato linguístico na fronteira Brasil – Guiana (RCG)
Mabel Pettersen Prudente (UFG)

Boi Tufão – uma análise ecolinguística da música sertaneja de raiz na
sociedade rural baiana do início do séc. XX
Hans Donner Gomes Da Mota (UEG); João N. A. Filho (UEG)

Etnicidade em movimento: o ecossistema cultural urbano da imigração
italiana e sua contribuição na formação linguística da (trans)cultura brasileira
Mario Luis Monachesi Gaio (UFF); Mônica M. G. Savedra (UFF)

A linguagem da catira enquanto expressão do acaipiramento do nordeste
goiano
João Nunes Avelar Filho (UEG)

A ecologia da interação comunicativa no discurso midiático autorreferencial
do jornal 'O Popular'
Lutiana Casaroli (UFG); Elza K. N. N. Couto (UFG)

TERÇA

8h Palestra III

Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva (UnB)
Um olhar ecolinguístico sobre formas (des)naturalizadas de práticas sociais

9h Sessão de comunicação IV

Coordenador: Lajla Katherine Rocha Simiao (UFG)

O discurso político de Marina Silva sob a perspectiva da Análise do Discurso
Ecológica
Lais Carolina Machado e Silva (UFG)

Dialética – ADE e a participação feminina nos versos de Vinícius de Moraes
Gilcimar da Rocha Batista (UEG); João N. A. Filho (UEG)

As práticas religiosas em "O pagador de promessas" sob a perspectiva da ADE
Michelly Jacinto Lima Luiz (UFG)

As contribuições metodológicas e analíticas da ecolinguística para uma
pesquisa funcional discursiva
Roberta Rocha Ribeiro (UFT/GEPEC)

Ecolinguística e Estudos Bakhtinianos: diálogos possíveis
Marta Maria Covezzi (UFMT); Márcia de Moura Gonçalves (UFMT)
Simone de Jesus Padilha (UFMT)

14h Sessão de comunicação V
Coordenadora: Lutiana Casaroli (UFG)

Duplipensar o conceito surdo ou resignificar a concepção visual pelas lentes
Da ecolinguística
Anderson Simão Duarte (UFMT); Claudio Alves Benassi (UFMT)

Meio ambiente linguístico da língua brasileira de sinais e seu registro gráfico
Claudio Alves Benassi (UFMT); Anderson Simão Duarte (UFMT)
Simone de Jesus Padilha (UFMT)

Um olhar ecolinguístico sobre a semântica da Libras
João Paulo Vitório Miranda (UnB); Alliny de Matos Ferraz Andrade (SEDF/CAS)

Língua e Cultura na visão Etnolinguística
Vademir de Almeida Silva (UnB)

Sobre a concepção ecológica adotada no Perceptual Assimilation Model L2
Adelaide Hercília Pescatori Silva (UFPA); Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)

16h Sessão de comunicação VI
Coordenadora: Michelly Jacinto Lima Luiz (UFG)

Identidade no corpo: contribuições da Ecolinguística na leitura semio-
imagética da dança tribal
Suani de Almeida Vasconcelos (UEFS)

Uma abordagem ecolinguística do contato de língua: o caso Mundurukú
Tânia Borges Ferreira (UnB)

O conceito de comunhão revisitado pela linguística ecossistêmica
Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG); Hildo Honório do Couto (UnB)
Elza Kioko N. N. do Couto (UFG)

A inter-relação de jovens da periferia e sua comunidade: um estudo do
ecossistema social
Denize Elena Garcia da Silva (UnB); Sandra Rodrigues Sampaio Campêlo

A Etnoterminologia como teoria e método em Etnoecologia Linguística
Nathalia Martins Peres Costa (UnB/CAPES); Dionei Moreira Gomes (UnB)

QUARTA

8h *Palestra IV*

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)

Mapa mental

9h *Sessão de comunicação VII*

Coordenadora: Lais Carolina Machado e Silva (UFG)

A semântica sob as bases epistemológicas da ecolinguística

Lajla Katherine Rocha Simiao (UFG)

Fonologia Ecolinguística

Ronaldo Mangueira Lima Júnior (UFC)

Interfaces entre ecolinguística e sociolinguística interacional

Genis Frederico Schmaltz Neto (UnB/CNPq)

A crítica marcuseana à ideologia da ciência positiva: o uso da linguagem matemática para quantificar a realidade

Paulo Sérgio Gomes Soares (UFT)

A criação de simulacros sobre o ecossistema linguístico: a comunicação virtual em jogos de rpg

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

14h *Sessão de comunicação VIII*

Coordenador: Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

A ecologia linguística na prática docente do professor de português como língua materna

Hilário Inácio Bohn (UCPel); Stefanie da Silva Tunes (UCPel)

A Aprendizagem de Língua Estrangeira do ponto de vista da Ecolinguística

Karolina Batista Castro (UFG); Érika Moreira Carvalho (UFG)

Gyovanna Gomes Silva Germano (UFG)

A sustentabilidade da língua

Lucas Hemetério dos Santos (UFG)

As matrizes internacionais de avaliação educacional: concepções ontológicas na perspectiva ecolinguística

Alessandro Borges Tatagiba (UnB)

Ecolinguística e educação descolonizante: fortalecimento de identidades

Vera Lúcia Santos Alves (IFSP)

16h *Palestra V*

Prof. Dr. Rui Manuel N. Lima Ramos (Un. Do Minho-PT)

Configurações dos ciclos da vida na literatura para crianças: uma análise ecolinguística

17h *Encerramento*

RESUMOS de PALESTRAS

Palestra I

Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto (UEFS-BA)

Contribuição da etnotaxonomia à formação de nomes animais

A compreensão da formação linguística do nome de um animal, aliada aos estudos sobre conhecimento zoológico tradicional, podem contribuir na pesquisa ecológica a partir da taxonomia e sistemática popular, que considera o meio no qual as diferentes culturas agrupam e caracterizam os organismos no seu entorno, além de ser um indicativo da diversidade local. Por outro lado, os modos como os animais são percebidos e classificados definem as possíveis interações entre os seres humanos e as espécies que compartilham seu meio físico ou simbólico. Pesquisas revelam que os processos de categorização são influenciados culturalmente (categorias cognitivas) e organizados em padrões lógicos (estruturas taxonômicas) distintos a cada sociedade. A obtenção do vocabulário (léxico) adotado por determinada população local seria o primeiro passo para acessar as informações sobre os diversos domínios cognitivos que compõem a mente, e também uma forma de aproximação indireta da formação e difusão de conceitos relacionados ao universo pesquisado. Considerando a dimensão territorial e as diversidades biológica e cultural presentes no Estado da Bahia, este trabalho discute a etnotaxonomia zoológica a partir da análise de dois estudos: inventário dos nomes populares atribuídos aos artrópodes culturalmente tidos como perigosos ou venenosos para o ser humano e também para os animais de companhia; a construção de nomes comuns de aves segundo aspectos ecológicos e sua etimologia

Palestra II

Prof. Dr. Gilberto Paulino de Araújo (UFT/NELIM/GEPEC)

Ecolinguística: percurso de sua afirmação como área dos estudos linguísticos

O presente trabalho realiza uma apreciação do percurso relativo às pesquisas sobre Ecolinguística no Brasil, tendo como data de referência a publicação da obra "Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente", em 2007, do autor Hildo Honório do Couto. Cumpre ressaltar que esta obra despertou o olhar e/ou a curiosidade de inúmeros pesquisadores do campo das Linguagens para o referido tema, ainda que os estudos ecolinguísticos tenham seu marco em 1972, a partir dos trabalhos do sociolinguista Einar Haugen. Durante esse período de estudos e discussões em nosso país, essa recente área da Linguística já se revela como uma importante contribuição, com expressivos resultados, tais como a realização de dois encontros nacionais (I e II Encontro Brasileiro de Ecolinguística - EBE) e o terceiro em curso (III EBE, em agosto/2016), a criação da Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), que já se encontra em seu terceiro número, e um volume da revista Cadernos de Linguagem e Sociedade (v. 14, n. 1, 2013) inteiramente dedicado ao assunto. Além disso, há inúmeros livros publicados, em português, na área da Ecolinguística, bem como dissertações e teses defendidas nos últimos anos. Nesse sentido, a Ecolinguística demonstra que vem se afirmando como área interdisciplinar do conhecimento dedicada aos estudos linguísticos contemporâneos.

Palestra III

Prof. Dra. Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Um olhar ecolinguístico sobre formas (des)naturalizadas de práticas sociais

O propósito é discutir o alcance do poder da mídia no que concerne à (des)construção de imagens atreladas a momentos políticos no cenário brasileiro, onde as concepções negativas da palavra "golpe" demandam um estado de alerta e cobram profunda reflexão, o que exige a busca de caminhos que (re)conduzam a uma ideologia 'ecológica'. Trata-se de um percurso comparativo, balizado por dois momentos de enlaces teóricos a começar pela Análise de Discurso Crítica (ADC), na vertente de Norman Fairclough (2003, 2010), com o enfoque da etnografia crítica, nos moldes de Jim Thomas (1993), para desaguar na aproximação dos estudos das relações entre a língua e o meio ambiente, configurado na proposta teórica mais recente de uma linguística "ecossistêmica", corrente desenvolvida no Brasil por Hildo Couto (2007, 2013), com a visão sistêmico-funcional de Halliday (2003), para quem a língua, enquanto sistema físico, biológico e social, constitui um recurso de construção de significados, bem como de interpretação de outras formas de semioses em contextos sociais.

Palestra IV

Prof. Dr. Hildo Honório do Couto (UnB)

Mapa mental

O ecossistema mental é o menos conhecido entre os quatro ecossistemas linguísticos que fazem parte do arcabouço teórico da linguística ecossistêmica. Por isso, o objetivo desta comunicação é falar de um aspecto de nosso conhecimento que tem a ver diretamente com ele, uma parte de nossa cognição que é usada na orientação espacial. Trata-se do mapa mental, que alguns autores chamam de "mapa cognitivo". Mais especificamente, vou relatar minha experiência pessoal com o mapa mental que eu tinha de Brasília até aproximadamente final de 2010 e começo de 2011. Nesse período, eu me mudei para Goiânia. Passados esses cinco anos, tenho notado que muitos detalhes do mapa da cidade que eu conhecia nos mínimos detalhes estão se esvanecendo em minha memória. A conclusão a que cheguei é de que para que o mapa mental que temos de determinado lugar continue vivo na memória é necessário que seja parte constante de nossas interações: diretamente com ele, percorrendo-o, ou indiretamente, falando dele. Minha hipótese, sem grandes conhecimentos psicolinguísticos, neurolinguísticos e de ciências afins, é a de que quando determinados aspectos de nosso mapa mental deixam de fazer parte de nossas interações (interações pessoa-mundo, interações pessoa-pessoa = comunicação), isto é, deixam de ser usados, não desaparecem de todo, mas vão para uma espécie de "arquivo morto" de nossa memória. Isso significa que podem ser "desarquivados" e postos de novo à disposição, mediante, por exemplo, a recuperação de algum contexto em que já foram usados pelo contato direto ou pelo indireto ou verbal. Espero que essa proposta estimule mais pesquisas sobre a caixa preta que é o ecossistema mental, parte da cognição geral de cada membro da comunidade.

Palestra V

Prof. Dr. Rui Manuel N. Lima Ramos (Un. Minho – PT)

Configurações dos ciclos da vida na literatura para crianças: uma análise ecolinguística

O presente estudo seleciona para análise um restrito grupo de obras literárias ilustradas contemporâneas para crianças, passíveis de promover a ecoliteracia dos jovens leitores, e que são construídas em torno da temática do ciclo da vida, ou de ciclos de ação-reação, em geral. Trata-se de obras nas quais as vertentes estética e lúdica da literatura infantil assumem relevo, e não se subordinam à vertente ética ou formativa; não são, por isso catalogáveis como diretamente “pedagógicas”. Contudo, constituem exemplares socialmente relevantes de um discurso ecológico que se faz presente nas sociedades ocidentais contemporâneas e a sua análise encerra potencialidades academicamente relevantes e socialmente úteis. A abordagem considerará o texto verbal e o texto icónico, recorrendo a metodologias e fundamentos da linguística (análise do discurso) e da literatura infantil.

RESUMOS
SESSÕES DE COMUNICAÇÃO

Um estudo endo e exoecológico da palavra-chave *pena*

Maria Célia Dias de Castro (UEMA/CESBA)

Gisélia Brito dos Santos (UFMA)

A palavra *pena* é entendida, à primeira vista, na acepção de uma punição aplicada como reparação por uma ação julgada repreensível, punição essa que causa sofrimento. Este entendimento leva à reflexão sobre as penalidades a partir da visão ecológica de mundo, que tem como fundamento a defesa pela vida, a ideologia ecológica, ou ecoideologia, o bem-estar e o florescimento da vida, a riqueza e a diversidade de vida, tendo como base a Ecologia Profunda, de Arne Naess. Essa perspectiva insere-se no campo dos estudos da Ecolinguística, que envolve os contextos físico, mental e social (COUTO, 2007) para perceber a inter-relação do termo em estudo com a questão da dor e do sofrimento. Associada a essa visão, aciona-se a contribuição da Semântica Histórica, com os recentes estudos sobre palavras-chave, desenvolvidos por Raymond Williams (2007) e Wierzbicka (1997). O objetivo deste trabalho é desvendar os significados desta palavra e a dimensão que eles podem compreender, tomando como base o contexto histórico e a realidade prisional experienciada pela Pastoral Carcerária, ligada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Perguntas sobre qual a origem da palavra *pena*, quais os seus diferentes usos e qual o principal significado social direcionam esta investigação. A análise segue a metodologia de estudo das palavras-chave e, neste campo, será feita uma análise endoecológica, dos aspectos internos, e exoecológica, dos aspectos externos da língua. Os resultados demonstram que a variação da cognação, manifestada nos sentidos mais correntes do termo, o de sanção aplicada como punição, castigo, penitência, suplício e como arte que causa dor e sofrimento, é significativa e vinculante da mediação que envolve a dinâmica do sistema biopsicossocial dos indivíduos com a língua e o meio ambiente.

Palavras-chave: Palavra-Chave. Pena. Dor. Sofrimento.

Glossário semissistemático da terminologia do pescado no oeste do Pará

Lucivânia Pereira de Carvalho (IFPA)

O presente trabalho tem como propósito expor o resultado de uma pesquisa terminológica descritiva acerca das unidades de conhecimento especializado relacionadas ao domínio do pescado, através da organização desses elementos em um glossário. Justifica-se pelo fato de compilar a linguagem oral de uma comunidade tão representativa na Amazônia, uma vez que a contribuição cultural da pesca nesta região é de elevado valor. Para a concretização deste objetivo, a metodologia utilizada de levantamento do corpus desenvolveu-se através de entrevistas com profissionais da área em questão. Tal pesquisa foi realizada em bairros que estão localizados às margens dos rios Tapajós e Amazonas na cidade de Santarém-PA. Centra-se em dois pilares: a organização do glossário constituído pelo que se adotou

chamar de terminologia do pescado, fundamentado em orientações teórico-metodológicas da Ecolinguística, uma vez que, segundo Hildo Couto, "tudo na língua emerge do meio ambiente", da Socioterminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia e em considerações a respeito das características linguísticas dos termos constantes no glossário. Os termos compilados foram organizados em quatro campos conceituais, a saber: 1) tipos, partes, comercialização, preparo e culinária do pescado; 2) tipos de arreios e materiais envolvidos em sua confecção; 3) tipos de embarcação e de materiais envolvidos em sua confecção; 4) espaços geográficos e fenômenos da natureza relacionados à atividade da pesca. Como os termos compilados no glossário são extraídos da modalidade falada da língua, seus conceitos e definições foram elaborados baseados no discurso oral deste grupo socioprofissional. Os termos inventariados no glossário perfazem um total de 464 elementos, a respeito dos quais serão analisados os processos de formação de palavras, bem como suas variações terminológicas. Este trabalho destina-se a terminógrafos, lexicógrafos, pesquisadores e estudiosos que se interessem de forma direta ou indireta pelo estudo do léxico e da terminologia do pescado.

Palavras-chave: Termo. Socioterminologia. Pescado.

Variedade de mandioca e frutas na língua yuhup: breve abordagem sobre as relações entre língua, povo e mundo

Dalva Del Vigna (UnB)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve abordagem do léxico da variedade de mandioca e frutas na língua yuhup em sua relação com o mundo linguístico e o mundo extralinguístico. A língua yuhup é falada pelo povo do mesmo nome que vive na região noroeste do Amazonas. A análise terá como base dados do glossário semântico-gramatical da língua yuhup produzido por Silva e Silva (2012) e se concentrará na área de sentido denominada Natureza, subseção Vegetais e nessa subseção a escolha recai sobre Variedade de mandioca e Frutas. A análise se apoiará nesse glossário, mas também dialogará com dados por mim coletados durante o período de pesquisa que realizei na comunidade yuhup do rio Apapóris, AM. A análise objeto desse trabalho investigará os termos usados pelo povo para denominar dois tipos de vegetais extremamente úteis na alimentação do povo que é, tradicionalmente, coletor e caçador. No glossário de Silva e Silva são encontrados mais de sessenta termos para 'mandioca e macaxeira' e mais de cento e noventa tipos de frutas. Na minha pesquisa, listei mais de quinze tipos de ingá nativos da Amazônia e conhecidos do povo. As palavras para denominar essa extensa variedade são formadas pela combinação de um item lexical X + a palavra genérica para indicar ingá/mandioca/etc. que resulta num 'tipo específico de ingá/mandioca/etc'. Os yuhup se alimentam de caça e peixe, de tubérculos cultivados e das frutas da floresta e também de algumas por eles cultivadas. A análise aqui proposta tem por base os pressupostos teóricos da Linguística Ecolinguística - que entende a língua como interação - e também da Linguística Descritiva que fornece a descrição das regras sistêmicas da língua.

Palavras-chave: Léxico. Mundo linguístico. Mundo extralinguístico.

Ecologia de contato de línguas e a inovação do léxico árabe nas línguas de muçulmanos não árabes no Senegal

Djiby Mane (UnB)

A história medieval da África Ocidental é marcada pelo grande evento que é a sua islamização. O islã penetrou na África negra na Idade Média, graças aos comerciantes e marabus itinerantes. Com essa chegada do Islã em solo Africano, o contato entre o árabe (superstrato) e as línguas de muçulmanos não árabes (substratos) tem produzido uma série de empréstimos linguísticos. Como resultado desse contato entre povos diferentes com suas respectivas línguas, palavras são, muitas vezes, adotadas por sua utilidade, sua falta em uma língua, por modismo ou por influência de uma sobre a outra como, por exemplo, a expressão "as-salamu alaicum" usada como saudação no Senegal e o aportuguesamento de palavras estrangeiras "self service", "futebol", "sutiã", "abajur". Que lições podemos tirar desta vizinhança entre o árabe, língua supra-central, em torno da qual gravitam línguas (wolof, peul, toucouleur, serer, mandinga, diola, balanta, manjaco, bambara) de muçulmanos não árabes do Senegal? Assim, esta comunicação consiste em analisar o processo da influência do islã e da língua árabe na paisagem lexical de muçulmanos não árabes no Senegal, com base em autores como Couto (1999), (2007), Calvet (1981), (1987), Todd (1990) e Holm (1988).

Palavras-chave: Ecologia. Islã. Árabe. Muçulmanos. Contato de línguas. Empréstimo.

Sertão Urbano: uma leitura ecolinguística das representações do cerrado no regionalismo musical goiano

Jennifer Ferreira Alves (UEG)
João N. A. Filho (UEG)

Este artigo se propõe a analisar a música Sertão Urbano, da banda goiana Carne Doce, a partir de concepções que se aplicam à língua e à linguagem dentro da análise do discurso ecológica (ADE), como a visão de longo prazo, sustentabilidade e interdependência, tendo como referencial precípuo conceitos da Ecolinguística propostos por Couto (2007) e da Ecologia Humana, por Marques (2012; 2014). Utilizando tal embasamento, este estudo objetiva explorar a maneira pela qual a produção artística regional reflete as inter-relações de organismos com o meio ambiente e entre si mesmos. Para isso, partimos de uma abordagem holística observando como os elementos heterogêneos que compõem um ecossistema funcionam e trabalham de forma híbrida dentro de diversas comunidades. Tais elementos estão presentes na letra da canção a ser trabalhada, a qual é recheada de provocações acerca da condição que o ser humano alcançou na busca incessante e infinda pela evolução e pelo progresso industrial, urbano e tecnológico; por sua vez, denotam não apenas a porosidade local dentro do estado de Goiás, mas engloba o crescimento desordenado que acomete todo o Brasil. Sertão Urbano é uma letra que delinea os mais singelos traços de encantamento encontrados na vida fora dos grandes centros urbanos e os coloca defronte

ao exarcebado custo que o crescimento e desenvolvimento da vida em sociedade resulta deste processo. Assim, tendo como ponto de partida tal letra, os ecossistemas social e, principalmente, o natural se mostram como merecedores de uma atenção especial no que tange as interações entre língua e sociedade dentro de um sistema com interlocuções deveras antropocêntricas.

Palavras-chave: Análise do discurso ecológica. Regionalismo. Urbanização. Progresso.

O trajeto e a rua: a socialidade urbana

Antonio Busnardo Filho (FIAMFAAM)
Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

A proposta da pesquisa tem como foco principal o estudo da percepção do espaço urbano e sua representação subjetiva, comparada à lógica do mapeamento urbano, por meio da narrativa dos agentes/atores que perfazem trajetos cotidianos - habituais, na maioria das vezes -, para ir ao trabalho ou para a escola. Com esta percepção o que se pretende é demonstrar a importância da rua para a estruturação do espaço da cidade e para a convivialidade dos cidadãos, como espaço de socialidade. Como espaço de manifestações culturais que definem o sentido de apropriação, de territorialidade, de direito ao espaço urbano. Desse modo, segue uma metodologia interdisciplinar, que propõe um olhar sobre a cidade complementar da Ecolinguística. Procura-se pela percepção prática da cidade que se justapõe e define o imaginário dos cidadãos urbanos, na compreensão e reconhecimento do "Outro", do desconhecido, que existe na própria pessoa. O estudo do trajeto como forma de apropriação do espaço urbano é, também, um estudo do convívio e da socialidade como forma de amenizar a violência que se instaura, quando as ruas não são ocupadas; é um estudo da trajetividade do espaço urbano, em busca de uma redenção da cidade, mas também, um estudo da relação com o espaço, muito próximo da questão do mapa mental, também apresentado neste evento. O diálogo com a Ecolinguística se mostra também pelo fato de levar em conta não só as pessoas (P) mas também o espaço (T), apropriado simbólica e fisicamente pelas primeiras.

Palavras-chave: Espaço. Rua. Imaginário.

Sustentabilidade Ambiental na Comunidade Kalunga Vão de Almas: uma pesquisa na perspectiva ecolinguística.

Adão Fernandes da Cunha (CDS/UnB)
Rosineide Magalhães de Sousa (UnB)
Ana Cristina de Araújo (CDS/UnB)

A referida pesquisa tem como objetivo investigar e analisar sobre a preservação das árvores que servem para construção das casas kalungas da comunidade Vão de Almas, do município de Cavalcante-GO. É uma pesquisa

fundamentada na Ecolinguística e na Etnobotânica, conforme postulados em Couto (2007), Wilson (2012), Araújo (2014) e Gil (2010); e na Educação do Campo, embasada em Caldart *et al* (2012). Discute a relação contínua da comunidade e de seus falantes, ou seja, a Ecolinguística, o conhecimento etnobotânico kalunga e a integração da diversidade cultural como um todo. Essa é uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, conforme Gil (2010) e Bortoni-Ricardo (2008), realizada no decorrer do ano de 2015, no contexto da comunidade Vão de Almas. A partir da metodologia utilizada, o estudo contou com a colaboração de oito moradores da comunidade, com perfis diferenciados. Uma das principais expectativas é que esse conhecimento gire em torno e dentro dos processos educativos escolares da comunidade e da sociedade, visto que esse conhecimento já faz parte da cultura do país, principalmente da memória da comunidade kalunga. Essa cultura, para essa comunidade, representa a história, a forma de resistência e a potencialidade linguística de sua diversidade e ancestralidade, e, hoje, esse conhecimento marca sua identidade enquanto territorialidade no espaço e na vida camponesa na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ecolinguística. Etnobotânica. Educação do Campo. Sustentabilidade.

Ecosistema cultural em Jurubatuba

Margareth de Lourdes Oliveira Nunes (UFG)

Jurubatuba, romance de Carmo Bernardes, publicado em 1997 pela Editora da UFG, na Coleção Belamor e que fora anteriormente publicado em 1972 pela Editora Rio Bonito, será o nosso objeto de pesquisa. O romance Jurubatuba é rico em imagens que exaltam a vida, a natureza do interior do Brasil, em especial o bioma cerrado. Em todo o romance, o protagonista apresenta um discurso de defesa da vida, um discurso ecológico, com uma linguagem estilizada que reflete o modo de se expressar do povo goiano da zona rural. O objetivo da pesquisa é, através de instrumentos metodológicos, como a pesquisa bibliográfica, fazer uma análise à luz da ADE, ou seja, da Análise do Discurso Ecológica (Couto, 2013) e identificar no romance Jurubatuba categorias que identificam o autor como um ecolinguista *avant la lettre*. Os autores que norteiam essa pesquisa bibliográfica, além dos já citados, Couto N. (2013), Orlando (2001), Couto (2012), Bourdieu (2003). Carmo Bernardes constrói seus personagens com uma linguagem muito própria, centrada em um léxico que estetiza a fala dos ambientes rurais e coloca o protagonista como um defensor da vida, um combatente à dor inútil infringida à natureza pela ideologia presente na cultura local. Para explicar melhor as relações homem x ambiente na obra Jurubatuba, foram também utilizados os conceitos relativos ao Ecosistema Cultural Rural como exposto por Couto (2016).

Palavras-chave: Ecolinguística. Ecosistema Cultural. Literatura. Jurubatuba.

Diversidade e contato linguístico na fronteira Brasil – Guiana (RCG)

Mabel Pettersen Prudente (UFG)

Os fenômenos da globalização e da mobilidade das pessoas na contemporaneidade têm produzido contextos marcados por grande diversidade linguística e cultural. Tais contextos são caracterizados por novas e complexas práticas linguísticas que desafiam as metodologias da sociolinguística tradicional. Tendo em vista este cenário, buscamos discutir alguns achados sobre a diversidade linguística da fronteira do extremo norte do Brasil com a República Cooperativa da Guiana, na faixa que compreende as cidades de Bonfim e Lethem, na perspectiva da ecolinguística. Isto é, apresentar algumas características do ecossistema linguístico local composto por várias línguas classificadas como estatais, indígenas e de imigrantes – português, inglês, espanhol, macuxi, wapichama, chinês, urdu e língua crioula de base inglesa (creolese) – em diferentes situações de contato. Os resultados parciais sugerem que as diversas línguas do ecossistema investigado formam comunidades de fala difusas e fragmentadas em que as línguas estão em uma relação assimétrica de poder, dependendo do contexto e dos interlocutores das e nas interações.

Palavras-chave: Diversidade linguística. Contato de línguas. Fronteira.

Boi Tufão – uma análise ecolinguística da música sertaneja de raiz na sociedade rural baiana do início do séc. XX

Hans Donner Gomes Da Mota (UEG)

João N. A. Filho (UEG)

Este trabalho tem o objetivo de analisar a letra da música Boi Tufão, composta pelo músico Crioulo da dupla Crioulo e Aladin que ficou mais conhecida sendo interpretada pelo Trio Parada Dura. A base teórica para esta análise se dará por meio da Ecolinguística, revelando as relações entre as pessoas, o território e a língua presentes na música. A sociedade rural da Bahia no início do séc. XX, bem como o sincretismo religioso, as diferentes classes sociais detectadas e um contraste entre a riqueza e a pobreza tornam-se visíveis na narrativa, tanto quanto a vida no campo e o isolamento dos moradores rurais. Outro assunto presente no recorte temporal dessa narrativa musical são os vários princípios da sabedoria popular, tais como a imutabilidade do destino. Pretende-se fazer um paralelo entre essa música sertaneja tradicional, as lendas, os costumes regionais e as narrativas míticas existentes na tragédia grega. A proposta de análise se faz bem propícia pela existência de conceitos ecológicos de adaptação ao território expressos de maneira simples e clara na música sertaneja de raiz.

Palavras-chave: Música sertaneja de raiz. Sabedoria popular. Vida rural

Etnicidade em movimento: o ecossistema cultural urbano da imigração italiana e sua contribuição na formação linguística da (trans)cultura brasileira

Mario Luis Monachesi Gaio (UFF)

Mônica M. G. Savedra (UFF)

O Ecosistema Linguístico é composto pelo tripé Povo-Língua-Território: um Povo, falante de uma Língua e ocupante de um Território. Por extensão, o Ecosistema Cultural engloba não somente a língua, mas a totalidade de signos (crenças, costumes, histórias...) de uma certa comunidade: tudo o que é compartilhado pelos membros de uma comunidade e que pode ser usado em Atos de Interação Comunicativa (COUTO, 2016). Com base nessas premissas discutiremos o funcionamento de um Ecosistema Cultural cujo vínculo comum é a descendência italiana no eixo Rio de Janeiro – Juiz de Fora (MG). Como já descrito em Savedra; Gaio; Carlos Neto (2015), o contato linguístico na região em referência caracteriza-se por uma situação de *language shift* na terceira geração. Esse eixo tem importância histórica. É nele que foi construída a primeira estrada pavimentada da América Latina, chamada União-Indústria, entre Juiz de Fora e Petrópolis, o que estreitou os laços entre a então capital do Brasil, o Rio de Janeiro, e a cidade mineira, a despeito de se localizarem em diferentes estados federativos. O texto base para nossa proposta é o recente artigo de Couto (2016) denominado “A comunidade de fala Fazenda do Zé Artino”, publicado em seu blog em fevereiro do corrente ano. À diferença do que expõe o artigo, nossa Comunidade se esconde no ambiente urbano. Portanto, trataremos de um Ecosistema Cultural Urbano em contraposição ao Ecosistema Cultural Rural da Fazenda. Esse trabalho é parte de nossa pesquisa de doutoramento, cujo tema é transculturalidade (WELSH, 1999) e etnicidade em movimento. Através de entrevistas colhidas entre descendentes de imigrantes italianos identificamos um *continuum* entre ser/sentir-se italiano e brasileiro como manifesto pela alteridade no discurso desses sujeitos, ora com referência a ‘eles’, ora a ‘nós’, quando o *alius* são os ascendentes imigrantes, evidenciando os conceitos de *sameness* e *otherness* (JUNGBLUTH, 2015).

Palavras-chave: Etnicidade. Ecosistema cultural. Ecosistema Linguístico.

A linguagem da catira enquanto expressão do acaipiramento do nordeste goiano

João Nunes Avelar Filho (UEG/NELIM)

Este estudo pretende mostrar a linguagem da catira, por meio de interações verbais e não verbais, enquanto expressão do ajustamento do sertanejo ao meio físico e social, uma construção de equilíbrio entre a fusão da herança portuguesa, do primitivo da terra e do africano, constituindo característica fundamental do caipira. Conforme Candido (2010), os gestos de solidariedade para o trabalho coletivo, os movimentos associados de cooperação, o ritmo encadeado dos diferentes atores na especificação das tarefas expressavam a sociabilidade existente nos núcleos vicinais da vida rural. Portanto, a necessidade de ajuda mútua imposta pela precariedade tecnológica dos tempos remotos, determinou a formação de uma rede ampla de relações, ligando uns aos outros os habitantes de uma determinada região, revelando a

existência nesse processo do conceito ecológico de cooperação exposto por Couto (2007). Esse conceito será aqui explorado de forma a evidenciar a contribuição para uma unidade estrutural e funcional tanto no trabalho quanto na diversão dos agrupamentos humanos, maneiras de manter a sociabilização e a interdependência do homem do campo. Nosso objetivo visa destacar a catira da região do Nordeste Goiano embasado em leituras e visitas a festas populares para revelar essa dança enquanto expressão da cultura local, cujo processo de acaipiramento é retratado de maneira diferenciada daquele da área de influência paulista. Essa diferenciação é decorrente, além dos fatores de ajustamento relatados acima, da forte defluência de escravos fugitivos das áreas litorâneas, os quais trouxeram consigo sua arte, religiosidade e suas tradições para esta sub-região goiana, resultando em uma manifestação catireira *sui generis*.

Palavras-chave: Catira. Acaipiramento no Nordeste Goiano. Linguagem verbal e não verbal.

O discurso político de Marina Silva sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica

Lais Carolina Machado e Silva (UFG)

O tema do referido trabalho é o estudo do discurso político da ex-presidenciável Marina Silva sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica, doravante ADE. Selecionamos duas entrevistas com a candidata, veiculadas pela Rede Globo. Temos por objetivo examinar o modo como as propostas de Marina evidenciam um fazer político e se estão em consonância com os princípios da ADE. A ADE, utilizada aqui como referencial teórico, defende a vida não só humana, mas em sua diversidade, empreendendo lutas constantes contra o sofrimento evitável. A metodologia da ADE (ecometodologia) é a 'focalização', ou seja, o recorte de dado campo de interações, sem desprezar o todo (Garner, 2004), caracterizando-se, principalmente, por ser uma disciplina multimetodológica (Couto; Albuquerque, 2015). A análise das entrevistas evidenciou que a candidata anuncia uma possível mudança que, a partir dos sentidos depreendidos, demonstra não convergir em direção aos princípios defendidos pela ADE, levando-nos à conclusão de que não há coerência em seu discurso, pois pelo menos em sua origem ela é ecologista.

Palavras-chave: Discurso Político. Análise do Discurso Ecológica. Ecologia.

Dialética – ADE e a participação feminina nos versos de Vinícius de Moraes

Gilcimar Da Rocha Batista (UEG)

João N. A. Filho (UEG)

Este trabalho propõe analisar o poema Dialética, de Vinícius de Moraes, tendo por suporte teórico a Ecolinguística, disciplina que propõe o estudo das relações entre língua e meio ambiente. Nele o discurso é pautado intrinsecamente por meio dos versos que a literatura interpôs em desfavor à figura feminina, contribuindo para a institucionalização de contrassensos sociais que comumente estão sujeitos à visão machista e à predominância dos

costumes androcêntricos. Os pressupostos da Análise do Discurso Ecológica (ADE) serão utilizados na análise do poema que visa destacar a problemática do sofrimento da mulher diante de costumes andróginos incorporados na sociedade em questão, observando que esse tipo de análise propõe uma atitude prescritiva em defesa da vida, ou seja, a de recomendar comportamentos que se opõem a toda forma de sofrimento e discriminação biopsicossocial.

Palavras-chave: Costumes. Literatura. Análise do Discurso Ecológica.

As práticas religiosas em “O pagador de promessas” sob a perspectiva da ADE

Michelly Jacinto Lima Luiz (UFG)

Este estudo tem como objetivo analisar as práticas religiosas apresentadas no livro “O Pagador de Promessas” sob a perspectiva da Análise do Discurso Ecológica, mostrando como essas práticas são geradoras de conflitos, sendo assim as causas do sofrimento e da morte no enredo, sobretudo do personagem principal. O Pagador de Promessas é uma obra literária escrita em 1960 pelo dramaturgo Dias Gomes, que tem por cenário a cidade de Fortaleza da década de 60, que retrata a história de Zé do Burro um homem simples que faz uma promessa a Santa Barbara de carregar uma cruz tão pesada quanto a de Jesus se a santa curar seu burro de estimação e alcança graça pedida, depois de andar 70 léguas é impedido pelo padre responsável pela igreja de Santa Barbara de cumprir sua promessa por tê-la feito em um terreiro de Candomblé para lançá-la. Durante a narrativa fica visível que todo o conflito é causado pelas práticas segregacionistas realizadas pela Igreja Católica contra o personagem principal e até mesmo contra o Candomblé. Utilizamos como base a corrente teórica Análise do Discurso Ecológica, postulada por Couto, que abarca os conceitos de valorização da vida e a luta contra o sofrimento, privilegiando a harmonia em detrimento ao conflito, defendendo a ideologia da vida.

Palavras-chave: Práticas religiosas. Violência e sagrado. Valorização da vida.

Ecolinguística e Estudos Bakhtinianos: diálogos possíveis

Marta Maria Covezzi (UFMT)
Márcia de Moura Gonçalves (UFMT)
Simone de Jesus Padilha (UFMT)

A área da língua de sinais brasileira tem se sobressaído como objeto de discussões e investigações desde sua inserção em cursos de graduação no Brasil pela sua exigência legal e legítima no processo de inclusão social do sujeito visual. Este texto constitui-se parte de pesquisa doutoral intitulada Empréstimos linguísticos da língua francesa na língua brasileira de sinais: um olhar bakhtiniano, que se concentra nas contribuições da língua francesa e da Língua Francesa de Sinais (LSF) para a Libras – Língua Brasileira de Sinais. Para responder às questões de pesquisa (qualitativa, de cunho interpretativo e de análise documental), direcionarei as análises do corpus pelos conceitos dos Estudos Bakhtinianos buscando correlacioná-los a conceitos da Ecolinguística.

Partindo do ponto comum e essencial a ambas as teorias que é a interação verbal, investigamos aqui um diálogo possível entre os conceitos bakhtinianos de dialogismo (línguas em diálogo), linguagem como interação e plurilinguismo e os de contato de línguas, multilinguismo, evolução linguística etc., basilares da teoria ecolinguística. Os resultados deste encontro de ideias das duas teorias trarão embasamento para as discussões sobre o trajeto sócio-histórico dos empréstimos linguísticos de origem francesa e esclarecimentos à constituição da Libras. Esta pesquisa insere-se no conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo Grupo REBAK (Relendo Bakhtin) e REBAK Sentidos vinculados ao PPGEL – UFMT.

Palavras-chave: Estudos Bakhtinianos. Ecolinguística. LSF. LIBRAS.

Duplipensar o conceito surdo ou resignificar a concepção visual pelas lentes da ecolinguística

Anderson Simão Duarte (UFMT)
Claudio Alves Benassi (UFMT)

Esta pesquisa consiste em provocar uma análise crítica a resignificar o conceito em que está empregando, socialmente, a terminologia SURDO desde as concepções do filósofo Aristóteles, sentidos semânticos do Novo e Velho Testamento na Sagrada Escritura, aos contextos contemporâneos. Podemos pensar no termo SURDO como uma forma de duplipensar com a estratégia filosófica e conceitual de oprimir, banir, destituir direitos, separar socialmente, fixar à periferia intelectual e, principalmente, justificar a subcultura à língua hegemônica, língua oral. O rótulo superficial, medíocre separa o meio ambiente social em dois campos, os ouvintes e os surdos. Toda separação gera conflito, estas as segregações sociais, logo linguística. Os rótulos são pejorativos e desleais, o rótulo surdo foi constituído como marca de defeitos, demonizados, incapazes, indignos e muitas outras atrocidades históricas. O termo surdo foi legitimado, e este não teve um olhar ecocêntrico, humano e exotópico. Na atualidade, todos, em especial os usuários das línguas de sinais, precisam entender a necessidade emergencial de um novo acordo de sentido ideológico. Precisamos de um olhar crítico, sim, até mesmo antropocêntrico, mas um olhar igualitário e não autenticado pela deficiência física, ou característica fenotípica. As línguas orais e gestuais têm por direito um olhar etnocêntrico, assim, devem acompanhar os usuários que as sustentam como forma de comunicação no meio ambiente em que fazem parte. Chega de ouvintismo ou surdismo, ambos termos usados como onomatopeias preconceituosas, racistas e segregadoras. Esta pesquisa foi realizada com 32 sujeitos visuais. Pesquisa qualitativa, tendo como arcabouço teórico a ecolinguística e as concepções de Vygotsky e Bakhtin, ambos russos. Objetivo desta pesquisa é a análise crítica e questionável do termo surdo como forma de paternalismo e assistencialismo nos dias atuais, em detrimento as concepções malélicas de Aristóteles, Sagrada Escritura e Congresso de Milão.

Palavras-chave: Surdo. Visual. Ecolinguística.

Meio ambiente linguístico da língua brasileira de sinais e seu registro gráfico

Claudio Alves Benassi (UFMT)
Anderson Simão Duarte (UFMT)
Simone de Jesus Padilha (UFMT)



continuar escrevendo este resumo em Libras pela escrita visografia (nome provisório Continuar escrevendo este resumo em Libras pela escrita visografia (nome provisório), excluiria uma parcela considerável dos leitores do meio ambiente linguístico oral, bem como, do visossinalizado, pois trata-se de um sistema de Escrita de Língua de Sinais (ELS) em desenvolvimento. Como dito na frase em Libras, o tema dessa pesquisa é a ELS. A ideia de se grafar as Línguas de sinais (LS) não é recente. Apesar de existirem muitos sistemas de ELS, a alfabetização de visuais (surdo) em LS, ainda não é uma realidade. Alguns fatores corroboram para isso, tais como a pouca experiência ou desconhecimento do professor de Libras a respeito da ELS, inexistências de políticas voltadas para formação de professores de ELS e de alfabetização de visossinalizantes (sinalizadores) em LS e o mais significativo deles: a não aceitação da comunidade visual (surda) dos sistemas de ELS correntes. Daí decorre o problema desta pesquisa, que propõe a releitura do *Sign Writing* (SW) e da Escrita das línguas de sinais (ELiS) em um novo sistema de ELS. A fundamentação teórica vem das leituras de Bakhtin e o círculo para o entendimento do problema do material, da forma e do conteúdo, ligados a LS nas esferas do cotidiano, acadêmico e artístico. Outras vozes constituintes desta pesquisa é a de Couto no entendimento de meio ambiente linguístico, bem como, na resignificação da linha de força de sistema, que na língua é adaptável e não fechado como em Saussure. Buscamos por meio da seleção dos visografemas (letras), da estrutura de escrita dos sistemas de ELS a serem relidos nesta pesquisa e do referencial teórico adotado a aplicação de um curso a fim de verificar a aplicação e eficiência desse novo sistema de ELS, e ainda, a elaboração de um editor de textos que facilite o processo de grafia. A visografia foi aplicada, preliminarmente, a profissionais da Libras que não conhecem os sistemas de ELS e a estudantes do Curso de Graduação Letras-Libras da UFMT, iniciados em ELiS e os resultados obtidos são satisfatórios.

Palavras-chave: Visografia. Ecolinguística. Libras.

Língua e Cultura na visão Etnolinguística

Vademir de Almeida Silva (UnB)

Estudos recentes, por exemplo Almeida (2015, p. 167), apresentam a etnolinguística a partir de sua dimensão sociocultural, fazendo um contraponto com a sociolinguística, as diferenciando, pois “[...] Enquanto a Sociolinguística estuda a situação de uso da língua em um determinado espaço social, a Etnolinguística abrange os aspectos recorrentes entre a língua falada, a sociedade onde se situa e a cultura que daí emana”. Nesse sentido, Aragão (1999) citada por Almeida (2015), entende que “[...] as relações entre língua,

sociedade e cultura são tão íntimas que por vezes torna-se difícil separar uma da outra, ou mesmo estabelecer uma fronteira entre elas (idem). Além dessas relações, Aragão (1999) *apud* Almeida (2015, p. 167), identifica “[...] outro aspecto que entra em campo para introduzir dúvidas acerca da linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural, que é o fator geográfico. Isso porque determinadas variações de ordem regional podem ser também sociais”, estendendo-se aos falantes que têm uma específica marca diageracional, diagenérica ou diafásica. Afinal, seriam todas essas variações próprias da língua e condicionadas pela sociedade ou teriam marcas de determinada cultura?, questiona Almeida (2015), argumentando, baseada em Aragão (1999), que frequentemente dúvidas e questionamentos desse tipo surgem quando se trabalha com a inter-relação entre língua, sociedade e cultura, pois, esses ambientes ecologicamente se entrecruzam, (re)produzindo uma linguística situada num campo de tensão, envolvendo língua e etnicidade, dando origem à Etnolinguística. Sendo assim, e partindo do pressuposto de que a Sociolinguística (relação entre língua e sociedade) e a Ecolinguística (relação entre língua e meio ambiente) estão inter-relacionadas na trama da Etnolinguística (relação entre língua e cultura), passamos a discutir Identidade Étnica, Identidade Cultural e Identidade Linguística, arrematando as argumentações tecidas até aqui.

Palavras-chave: Identidade Étnica. Identidade Cultural. Identidade Linguística.

Sobre a concepção ecológica adotada no *Perceptual Assimilation Model L2*

Adelaide Hercília Pescatori Silva (UFPA)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS)

Esta comunicação visa a discutir as premissas de base realista direta e ecológica do *Perceptual Assimilation Model-L2* (PAM-L2) (BEST; TYLER, 2007). As principais razões para esta discussão são: a) nos anos mais recentes, o surgimento de ferramentas tecnológicas de fácil manuseio tem propiciado a formulação e a aplicação de testes perceptuais; b) conjugado aos dados empíricos obtidos através de testes perceptuais, o PAM-L2 tem sido utilizado como base teórica para vários trabalhos, no Brasil, que abordam a aquisição de uma LE. O PAM-L2 se fundamenta na perspectiva do Realismo Direto, a partir da abordagem ecológica de percepção proposta por Gibson (1966, 1979) e, na mesma linha traçada por Fowler (1986, 1996), considera como unidade linguística o gesto articulatório (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1986, 1992). Discutimos, nesta comunicação, justamente a abordagem “ecológica”, de cunho realista direto, adotada por Best e Tyler (2007). Discutimos, ainda, a concepção de gesto articulatório adotada pelo PAM-L2 e em que medida ela segue a concepção de gesto articulatório da Fonologia Articulatória (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1992). A discussão sobre o arcabouço teórico que serve de base ao PAM-L2 objetiva apontar os desafios teórico-metodológicos a serem enfrentados quando se aplica o modelo. Com isto, esperamos fornecer subsídios para que a adoção do PAM-L2 por pesquisadores da área seja consciente e embasada nos preceitos teóricos sobre os quais se alicerça tal modelo.

Palavras-chave: Percepção da fala. Aquisição de L2/LE. Abordagem

ecológica. Realismo direto.

Toponímia e ensino: perspectivas interdisciplinares

Kênia Mara de Freitas Siqueira (UEG)

O objetivo deste estudo constitui-se em torno da proposta de conhecer e recuperar aspectos sociopolíticos e culturais do período em que ocorreu a fundação das principais escolas públicas da região considerando entre outros aspectos, a dimensão social da língua e sua relação com o ambiente. Nesse sentido, o estudo do léxico toponímico pode apresentar-se como repositório de inúmeras questões vinculadas ao patrimônio cultural da comunidade e ao ambiente que então se transformava devido à construção da Estrada de Ferro Goiás, que impulsionou os aglomerados urbanos, mas, em contrapartida, modificou sensivelmente aspectos geográficos da região. O repertório lexical de um sistema linguístico é como um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais mais representativas de um grupo social já que reflete as percepções e experiências desse povo no decorrer de sua história, às vezes constituindo um verdadeiro testemunho de toda uma época. A metodologia consiste do desenvolvimento de um projeto de Pesquisa-Ação nas principais escolas com a colaboração de alunos da Iniciação Científica, bolsistas e voluntários; podendo também, acolher alunos do estágio. O estudo fundamenta-se nas propostas de pesquisa lexicais, com base em Onomástica (estudos onomasiológicos) e acolhe aportes teóricos da Ecolinguística de base ecossistêmica, pois procura descrever os topônimos como fatos linguísticos advindos de inúmeras motivações que envolvem sempre a inter-relação entre língua, território e população. Visa assim, contribuir para efetivação de metodologias interdisciplinares para o ensino de Língua Portuguesa considerando as inúmeras relações que se estabelecem entre língua e demais áreas do conhecimento humano.

Palavras-chave: Toponímia. Ensino. Ecolinguística.

A criação de simulacros sobre o ecossistema linguístico: a comunicação virtual em jogos de rpg

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

Este trabalho tem por finalidade apresentar o modo como simulacros são criados sobre o ecossistema em sua integralidade e dão forma a um véu ilusório, o qual se denomina, aqui, "virtualidade". Toma-se por virtualidade a desterritorialização do espaço. Dessa forma, pretende-se observar jogos de RPG (role-playing game) de mesa, em que cada participante interpreta uma personagem com o objetivo de criar uma narrativa, e MMORPG (Massive Multiplayer Online Role-Playing Game), em que assume-se o controle de uma personagem em um jogo de computador online, à luz das categorias da Ecolinguística, em razão de entender como a interação se configura em diferentes níveis, dependendo das regras interacionais e sistêmicas, além do suporte comunicativo, mobilizados. É importante ressaltar que esse modelo

comunicacional se distancia do que é prototípico, tendendo a afastar os indivíduos em interação e mecanizar o contato, demandando uma elaboração sintática e lexical mais técnica, menos espontânea. Para o desenvolvimento dessa pesquisa, prezou-se pelas reflexões acerca da relação teoria e prática, possibilitadas pela análise de diálogos entre indivíduos de um grupo de amigos que jogam, com frequência, tanto o RPG em sua forma clássica, quanto o MMORPG. Baseando-se nos dizeres de Couto (2007), pode-se constatar que a comunicação é um processo interativo que pressupõe a existência da comunhão, como abertura para o contato, e da formação de uma comunidade de fala que diz respeito a sujeitos integrados numa mesma comunidade de língua. Outros autores são mobilizados para o desenvolvimento deste estudo, são eles: Nietzsche (2006), Couto *et al* (2015) e Couto, Couto e Borges (2015). Parte-se, portanto de uma apreciação de cunho qualitativo, em que não se buscam dados exaustivos, mas representativos. Assim, serão descritos, relacionados e entrecruzados diversos enunciados, que apresentem, em sua materialidade, características que justifiquem o distanciamento do modelo prototípico de comunicação por meio da análise das regras interacionais. Enfim, pode-se inferir que a comunicação como parte da interação depende dos modos como os organismos se relacionam entre si e com o ambiente que os rodeia. Acredita-se, por isso, que haja pelo menos três níveis de comunicação, estando este trabalho focado na comunicação em seu segundo nível, a partir da virtualidade proporcionada por diferentes tecnologias e demandas.

Palavras-chave: Comunicação. Ecolinguística. Virtualidade. Ecosistema. RPG.

Identidade no corpo: contribuições da Ecolinguística na leitura semio-imagética da dança tribal

Suani de Almeida Vasconcelos (UEFS)

No presente trabalho, apresentar-se-á a análise da representação identitária corporal na dança tribal (dança de origem oriental, na qual se fundem as danças do ventre, flamenca, indiana, egípcia, folclore árabe e cigana), trazida ao ocidente pela dançarina norte-americana Jamila Salimpour (EUA) na década de 1950; em questão, o Tribal Brasil, desdobramento da dança tribal em território brasileiro. Para tanto, far-se-á uma interface entre as contribuições da Ecolinguística (T-L-P) com a semiótica francesa (greimasiana), focando, esta última, no nível da narratividade, uma vez que é nesse nível que se estabelecem as relações entre o sujeito e o objeto de desejo, ou seja, a interação dos elementos de elaboração coreográfica do tribal com a dançarina. A Ecolinguística, campo de conhecimento que relaciona língua e meio ambiente, estabelece que a língua (L) se estrutura em conformidade com o território (T) e com a população (P) usuária, compondo, dessa forma, o ecossistema linguístico. Assim, demonstrar-se-á como os aspectos formadores da identidade nacional da dança tribal brasil, materializado no campo do meio ambiente linguístico, corporificam-se na performance visual das dançarinas, como vestuário, adereços e/ou gestos corporais, não se desprezando aqui o ambiente sócio-histórico e ideológico, no qual as imagens foram capturadas, por meio fotográfico, naquele momento.

Palavras-chave: Ecolinguística. Discurso. Língua. Semiótica francesa. Tribal Brasil.

Uma abordagem ecolinguística do contato de língua: o caso Mundurukú (Tupí)

Tânia Borges Ferreira (UnB)

Este trabalho pretende apresentar uma análise preliminar do contato de línguas estabelecido por meio das interações entre o povo Mundurukú e a sociedade dominante que os cerca, focando especificamente na aldeia Praia do Mangue, localizada na periferia do Município de Itaibuta (PA). Esta pesquisa pretende abordar tal temática por meio da Ecolinguística. O referencial teórico inicial gira em torno dos estudos sobre o povo Mundurukú e sua língua, dentre eles estão Burum (1979), Gomes (2006), Menéndez (1991), Ramos (2006) e Rodrigues (1986). Em relação ao referencial teórico que trata do contato de língua e da Ecolinguística, é possível citar Couto (2007, 2009) e Mufwene (2001), além da abordagem de bilinguismo de Siguán & Mackey (1986). Por ser um trabalho preliminar, a metodologia abordará uma revisão teórica baseada em autores de referência e nas informações e relatos sobre a realidade atual do povo Mundurukú que habita a aldeia Praia do Mangue, obtidos com base nas observações feitas em trabalho de campo e em entrevistas não estruturadas. Compreender a relação de contato de língua, à luz da Ecolinguística, buscando entender as relações e interações que fazem com que esse contato caminhe para um bilinguismo e morte de língua/povo, é fundamental para buscar meios de intervir nesse processo, valorizando a diversidade, a vida e evitando o sofrimento vivenciado por esses povos que se veem obrigados a abandonar suas raízes.

Palavras-chave: Ecolinguística. Contato de língua. Povo Mundurukú.

A ecologia da interação comunicativa no discurso midiático autorreferencial do jornal 'O Popular'

Lutiana Casaroli (UFG)
Elza K. N. N. Couto (UFG)

Este trabalho tem por intuito apresentar reflexões acerca da ecologia da interação comunicativa no discurso midiático autorreferencial do jornal 'O Popular'. A proposta prevê um aprofundamento teórico de temáticas que circunscrevem o universo da pesquisa, tais como a interação, os meios ambientes, a comunhão e a ecologia da interação comunicativa. Com o objetivo de investigar de que modo o discurso autorreferencial se constitui com base na ecologia da interação comunicativa, partirá da visão ecológica de mundo levando em consideração a ecologia como um todo, não apenas o produto dessa interação. A mídia que se pressupor emana o sintoma de que o mundo externo perde importância para a realidade da construção. Subentendemos ainda que a mídia interfere no processo de constituição de subjetividades, inclusive de si. A mídia também assume uma posição-sujeito, inscrita no e pelo discurso, o que implica uma expectativa por parte do público em relação ao seu devir: embora o público esteja longe dos

bastidores das cenas, sabe-se deles. Acredita-se que tal expectativa seja motivo para que se estabeleça a comunhão, quer dizer, a predisposição necessária para que haja comunicação. Perante as transformações ocorridas na sociedade midiaticizada, compreendemos que essas mutações nos modos de ser e de dizer que as mídias operam se apresentam como um movimento em busca de adaptação ao ecossistema em que estão inseridas. Em nome da sobrevivência, é preciso que as organizações se adaptem às novas realidades e aos novos anseios dos públicos. Acredita-se, ainda, que a autorreferencialidade é determinada por uma interação linguística específica entre a mídia e seus leitores. Essa interação está condicionada pelo meio ambiente social, no sentido das relações de poder entre instituições na circulação de saberes feita pela mídia. Também pelo meio ambiente natural, no sentido de como as categorias de espaço podem influenciar na fala de quem enuncia a notícia e de quem a recebe. E pelo meio ambiente mental, essa interação só é possível porque há um conhecimento linguístico compartilhado de língua portuguesa entre mídia e leitores. Esse conhecimento permite um jogo de sentidos negociados para a produção de um discurso autorreferencial. Esta pesquisa justifica-se especialmente pelo fato de acreditar que a autorreferencialidade é construída com base na ecologia da comunicação interativa, pois o movimento exibicionista muito se aproxima do desejo de despertar um estado de comunhão em seus públicos. Por isso a relevância em estudar a narrativa autorreferencial no quadro da ecolinguística.

Palavras-chave: Autorreferencialidade. Ecolinguística. Comunhão.

A Etnoterminologia como teoria e método em Etnoecologia Linguística

Nathalia Martins Peres Costa (UnB/CAPES)

Dioney Moreira Gomes (UnB)

No presente trabalho, apresentamos a Etnoterminologia como campo de interface entre a Terminologia, a Etnolinguística e a Ecolinguística. A Etnoterminologia pode ser definida como campo interdisciplinar que estuda os etnotermos presentes nos discursos de especialistas próprios de culturas essencialmente orais, tais como povos indígenas, quilombolas e povos autóctones em geral. Esses especialistas possuem um vasto e complexo conhecimento ecológico tradicional (*Traditional Ecological Knowledge* – TEK) e são reconhecidos como especialistas, sabedores ou entendedores por sua comunidade. A Etnoterminologia busca reconhecer tanto a especificidade do conhecimento quanto a figura dos especialistas, os quais não têm como fonte/*habitat* a academia, a universidade; portanto, não são os especialistas com os quais a Terminologia habitualmente trabalha, reconhecidos pelas sociedades urbano-industriais modernas. Infelizmente, seus discursos especializados, que expressam um vasto conhecimento, têm sido há muito tempo negligenciados e ignorados como conhecimento especializado. Porém, o conhecimento que detêm passa de geração em geração dentro de um determinado grupo étnico e tem profundas raízes em seu modo de vida e no uso dos recursos naturais disponíveis. Temos proposto a Etnoterminologia desde Costa e Gomes (2009, 2011, 2013) e Costa (2013). E hoje essa é uma alternativa com teoria e método bem definidos que podem auxiliar na expansão do campo da Etnoecologia Linguística, posto que promove uma

visão terminológica muito atenta às questões étnicas e ecológicas em sua expressão linguística.

Palavras-chave: Enoterminologia. Ecolinguística. Etnoecologia Linguística.

A semântica sob as bases epistemológicas da ecolinguística

Lajla Katherine Rocha Simiao (UFG)

A Semântica tem sido considerada, conforme Couto (2007), como um dos componentes da gramática da língua menos compreendido pelos estudiosos, por isso durante muito tempo foi tratada de forma hostil por alguns linguistas, fato que nos despertou o interesse em pesquisá-la. Dessa maneira, temos dois objetivos que nortearão essa pesquisa, a saber: apresentar a Semântica a partir da perspectiva integradora proposta pela Ecolinguística e exemplificá-la. Para tanto, utilizaremos as preposições pela ótica da Ecologia das Relações Espaciais, de acordo com a qual todas elas se reduzem à espacialidade, e não apenas as temporais, mas também as abstratas, ou nocionais. Selecionamos como objeto de análise algumas redações de pré-vestibulandos produzidas no ano de 2015. Nossa base teórica fundamenta-se na Ecolinguística, que é o estudo das interações da língua com o ecossistema, que pode ser natural, mental ou social. Para apresentar a Semântica a partir de uma perspectiva ecológica utilizamos como principal teórico Couto (2007).

Palavras-chave: Semântica. Ecolinguística. Preposições.

Fonologia Ecológica

Ronaldo Manguera Lima Júnior (UFC)

Os estudos tradicionais sobre os sons das línguas abordam a fala humana e a sua padronização sob duas visões distintas: a de uma atividade biomecânica e física, com os articuladores movendo-se continuamente no tempo provocando resultados acústicos perceptíveis pelo ouvido humano; e outra de uma atividade mental e cognitiva, na qual há a escolha de uma sequência de sons limitados pelo inventário da língua para produzir significado. A primeira abordagem, tradicionalmente chamada de fonética, tem sua base nas ciências naturais; e a segunda, tradicionalmente tratada pela fonologia, tem sua base na linguística. Houve muito desenvolvimento em ambas perspectivas, mas, infelizmente, sem muita permeabilidade entre seus resultados e desenvolvimentos teóricos, epistemológicos e metodológicos. Com a premissa de que a língua é um ecossistema cujo comportamento emerge da interação de seus vários elementos de maneira holística (e.g. COUTO, DO, 2007; KRAMSCH; STEFFENSEN, 2008), torna-se impossível dissociar esses dois campos aparentemente distintos, uma vez que eles compõem um único sistema. Este trabalho utiliza como ponto de partida a proposta da Fonologia Articulatória (BROWMAN; GOLDSTEIN, 1989, 1992, 1995), que pressupõe a língua como sistema complexo e dinâmico, para mostrar que a tradicional ciência fonética é a dimensão microscópica e gradiente enquanto que a tradicional fonologia é a dimensão macroscópica e categorizável da descrição de um mesmo fenômeno e sistema, a saber, o uso de recursos articulatórios e acústicos

infinitos para produzir sons passíveis de categorização finita pelo cérebro para comunicação em uma língua. Será argumentado que, para tanto, o Gesto Articulatório é a unidade que cumpre mais efetivamente o papel de unidade fonológica mínima/básica, por incorporar as duas dimensões descritivas, micro e macro, em uma mesma unidade. Além disso, com sua natureza gradiente, dinâmica, emergentista, holística, não-linear e implementacional, o Gesto Articulatório está alinhado à visão ecossistêmica da fonologia e da língua em uso real e comunicativo.

Palavra-chave: Fonética. Fonologia. Fonologia Ecológica.

Interfaces entre ecolinguística e sociolinguística interacional

Genis Frederico Schmaltz Neto (UnB)

Este trabalho discute as possibilidades de uma interface teórica metodológica entre a Ecolinguística praticada no Brasil e a Sociolinguística Interacional. Para isso, usa como dado uma transcrição de interações que aconteceram na comunidade brasiliense Vale do Amanhecer no ano de 2016. Seu objetivo é evidenciar a relação profícua existente entre ambos os domínios do saber e aproximá-los em uma aplicação prática, ora contrapondo o que apresentam como categorias de análise, ora confluindo. Elegem-se como aportes teóricos as discussões sobre a Ecologia da Comunicação Interativa e as Regras Interacionais desenvolvidas por Couto (2007; 2012; 2015) junto à releitura destas regras no quadro interacional de Schmaltz (2015) mais os conceitos de Gumperz, Grice e Tannen sobre as teorias da polidez, da face e pistas contextuais. O que se tem é uma análise multimetodológica que cumpre a visão ecológica de mundo, aprofundando as regras interacionais a partir da perspectiva interacionista que encara a linguagem e a sociedade.

Palavras-chave: Ecolinguística. Sociolinguística interacional. Interface teórica.

A crítica marcuseana à ideologia da ciência positiva: o uso Da linguagem matemática para quantificar a realidade

Paulo Sérgio Gomes Soares (UFT)

A reprodução da vida social nas sociedades capitalistas industrializadas inclui o controle da natureza e a utilização técnica dos próprios indivíduos como objetos do progresso científico. Este trabalho investiga como o filósofo frankfurtiano Herbert Marcuse analisa a questão da mercantilização da vida com base no conceito de “*a priori* tecnológico” da ciência positivista, que projeta tanto a natureza quanto os indivíduos como material de controle e dominação, utilizando-se da linguagem matemática da quantificação universal. O objetivo é mostrar como o método científico abstrai a realidade para transformá-la objetivamente em instrumento de manipulação, pela destituição de suas qualidades. A vida mercantilizada produz o valor, que sustenta as sociedades capitalistas e a ideologia apresenta o sistema como linguagem livre de contradições. Trata-se de um trabalho bibliográfico, cujo resultado apresenta uma reflexão acerca da relação entre ciência, ideologia e linguagem na contemporaneidade.

Palavra-chave: Teoria Crítica. *A priori* tecnológico. Linguagem matemática. Mercantilização da vida. Ideologia.

A ecologia linguística na prática docente do professor de português como língua materna

Hilário Inácio Bohn (UCPel)
Stefanie da Silva Tunes (UCPel)

A pesquisa apresenta uma discussão acerca da relevância da concepção da linguagem para a práxis em sala de aula. O estudo resulta de uma inquietação gerada pelos dispositivos e modelos de ensino ainda vigentes na maioria das salas de aula de língua. Situação constatada em projetos já realizados por vários autores e pesquisadores da área. O conceito de linguística ecológica tornou-se indispensável para grande parte das pesquisas científicas relacionadas com as ciências humanas. Acreditamos que na área do ensino de línguas não pode ser diferente, por isso a nossa preocupação em trazer para os estudos linguísticos reflexões sobre a relevância em trabalhar com a linguagem dentro de uma perspectiva ecológica. Nosso estudo contará com a participação de professores do ensino superior que desenvolvem atividades de formação de professores de línguas. A coleta de dados será realizada através de entrevistas estruturadas e de um debate sobre a leitura de dois textos. Para isto os professores primeiramente responderão a um conjunto de perguntas sobre linguística ecológica, depois serão convidados a lerem dois textos sobre a pertinência de alguns dos conceitos da linguística ecológica para o ensino-aprendizagem de línguas, seguindo-se um debate entre os participantes sobre os textos lidos. Através da análise das entrevistas e do debate pretende-se averiguar a fruição do pensamento ecológico por parte dos professores e descobrir se eles vislumbram neste pensamento implicações pertinentes para a sua prática docente no ensino do português como língua materna. Acreditamos que a discussão fornecerá aos pesquisadores e professores da linguagem importantes questionamentos sobre **o que** e **como** ensinar e, conseqüentemente, os auxiliará na implementação das transformações desejadas no âmbito do ensino da língua portuguesa.

Palavras-chave: Ecologia. Ecolinguística. Ensino. Prática de linguagem.

A Aprendizagem de Língua Estrangeira do ponto de vista da Ecolinguística

Karolina Batista Castro (UFG)
Érika Moreira Carvalho (UFG)
Giovanna Gomes Silva Germano (UFG)

O objetivo principal desta comunicação é mostrar que a Ecolinguística é um bom modelo teórico para se tratar da aprendizagem de língua estrangeira e, é claro, de aquisição de primeira língua (de que não vamos tratar). Como se sabe, o ponto de partida para o estudo de qualquer fenômeno da linguagem da perspectiva ecolinguística é o ecossistema linguístico, que pressupõe que para existir uma língua (L) é necessário que preexista um povo (P) convivendo em seu território (T) se comunicando por meio dela. O ecossistema linguístico

PTL é parte integrante de um ecossistema cultural. Além disso, a Ecolinguística vê os fenômenos da linguagem a partir da visão ecológica de mundo (VEM). Isso é tudo que o aprendiz de qualquer língua estrangeira precisa. Ele carece saber que para aprendê-la bem não basta apenas memorizar as regras de sua gramática. Ecolinguisticamente, tão ou mais importante do que elas são os hábitos (regras) culturais e as regras interacionais, sem as quais o falante de LE pode ter sérias dificuldades quando for interagir com um falante nativo da língua. Finalmente, a VEM lhe permite uma abertura para a diversidade, sobretudo a cultural. Se o aprendiz está aberto para o que é diferente na língua e na cultura estrangeira, suas possibilidades de sucesso são bem grandes.

Palavras-chave: Ecolinguística. Aquisição de Segunda Língua. Bilinguismo. Meio Ambiente Cultural.

A sustentabilidade da língua

Lucas Hemetério dos Santos (UFG)

Como o filósofo da linguagem e ecolinguista alemão Peter Finke (2002) mostrou, a língua é altamente sustentável, na medida em que seus recursos são reutilizáveis e recicláveis, como a Ecolinguística, sobretudo seu ramo intitulado Linguística Ecológica (LE), tem demonstrado. Isso vale para todos os aspectos da língua, tanto os estruturais quanto os da exterioridade linguística, como é o caso da língua como sistema simbólico, das relações entre língua e mundo etc. A LE mostra que as palavras nascem para falarmos do mundo (natural, mental, social), mas, depois de formadas, elas podem ser reutilizadas para falar de outras coisas além das que lhe deram origem, mediante homofonias, polissemias, sinonímias, metáforas, metonímias etc. Na homofonia, p. ex., depois de formada para designar uma parte do vestuário, a palavra "manga" passou ser usada também para designar uma fruta. No caso da polissemia, uma palavra como "perna" nasceu para designar um membro dos vertebrados. Depois, passou a designar também "perna de mesa" e outras. Pelo processo metonímico, uma palavra como "braço" pode ser utilizada como "ajudante" ou "trabalhador" (O dono da transportadora tem muitos braços descarregando o caminhão) e assim por diante. Enfim, depois de formada para falar do mundo, a língua adquire uma relativa autonomia, permitindo a mentira (como disse Umberto Eco), mas também a ficção, a poesia e a filosofia. No nível estrutural também há reutilização de recursos fonológicos, morfológicos e sintáticos. O objetivo desta comunicação foi mostrar que a Linguística ecológica é um bom modelo teórico para estudar tudo isso. Afinal, ela vê não apenas a exterioridade da língua (exoecologia linguística), como fazem as teorias "sociais" e "interacionistas" como a Análise do Discurso, nem apenas a interioridade (endoecologia linguística), como fazem as teorias formalistas, ela leva em conta os três meios ambientes: natural, mental e social, sendo também altamente ecológica, no sentido da reciclagem de recursos existentes. Vejamos o processo morfológico de formação de palavras. Os morfemas que entram na formação da palavra *con.stitu.cion.al.idade* são todos reutilizáveis. O prefixo *con-* pode ser reutilizado em *con.fiar*, *con.clus.ão* etc. O radical *-stitu-* pode ser reaproveitado em *re.stitu.ir*, *in.stitu.ir* etc. O morfema derivacional *-cion-*

aparece também em *trans.forma.cion.al*, *inten-cion.al.idade* etc. Quanto a *al-*, aparece nas duas últimas palavras; e *-idade*, na última. Isso para dar apenas alguns exemplos de reciclagem e reutilização de recursos linguísticos. O fato pode se dar também na morfologia composicional e na flexional. Pode igualmente se dar na fonologia, em que os fonemas e as sílabas são reutilizados até onde o sistema permitir. O mesmo se dá na sintaxe, com as palavras, as frases e outras combinações sendo reutilizadas a todo instante. Enfim, a Linguística Ecolinguística pode tratar de todo e qualquer fenômeno linguístico, e de um ponto de vista diferente, o da visão ecológica de mundo (VEM).

Palavras-chave: Ecolinguística. Sustentabilidade. Reciclagem. Língua. Linguística Ecolinguística.

As matrizes internacionais de avaliação educacional: concepções ontológicas na perspectiva ecossistêmica

Alessandro Borges Tatagiba (UnB)

As questões ontológicas representam um campo ainda inexplorado de estudos na seara da educação e da avaliação educacional; contudo, com grandes implicações ecossistêmicas. Como recorte de pesquisa, este trabalho possui por objetivo analisar matrizes internacionais de avaliação educacional com a proposição da seguinte questão: quais são as implicações ecossistêmicas produzidas pelas concepções ontológicas contidas nas matrizes internacionais de avaliação educacional? Constitui o corpus do trabalho matrizes de avaliações internacionais conduzidas pelo “Programme for International Student Assessment (PISA)” e pelo “Laboratorio Latinoamericano de Evaluación de la Calidad de la Educación (LLECE)”, da Oficina Regional da UNESCO para a América Latina e o Caribe (Orealc). A metodologia de natureza qualitativa interpretativista (Schwandt, 2006) baseia-se nos procedimentos analíticos do sistema de representação da Linguística Sistêmico Funcional (LSF). O aporte teórico baliza-se pelos estudos da linguagem ecossistêmica e da linguagem sistêmico funcional – como os de Couto e Albuquerque (2015); Couto (2008, 2013); Halliday e Mathiessen (2014); Tatagiba e Silva (2013), Tatagiba (2013, 2015) – e, igualmente, pelos trabalhos filosóficos/semiológicos de Maturana, 2014, Foucault (1978), Peirce (1972), Wittgenstein (1979). Entre as referências sobre avaliação educacional que contribuem para as reflexões, encontram-se as publicações de Vianna (2001,2013), Alavarse (2009), Bauer, Alavarse e Oliveira (2015). Com vistas a contribuir com os estudos e pesquisas sobre educação e avaliação em larga escala, os resultados desta proposta de pesquisa acadêmica podem e devem integrar mais vozes e atores sociais envolvendo, por conseguinte, a perspectiva ecossistêmica dos estudos da linguagem.

Palavras-chave: Avaliação educacional. Linguística Ecolinguística. Linguística Sistêmico Funcional.

Ecolinguística e educação descolonizante: fortalecimento de identidades

Vera Lúcia Santos Alves (IFSP)

Este trabalho tem por finalidade abordar a Ecolinguística como um mecanismo pedagógico e epistemológico para o ensino da linguagem com profissionais da educação em territórios indígenas e comunidades quilombolas - estudantes do curso de pós-graduação em Educação Intercultural no Pensamento Decolonial. O contexto do trabalho é a região do sub-médio São Francisco, no município de Floresta do Navio, interior de Pernambuco. O aporte teórico-metodológico inicia-se com o "pai da Ecolinguística no Brasil", Hildo Honório do Couto, cujos estudos indicam a Ecolinguística como "o estudo das relações entre língua e seu meio ambiente", refletindo relevantes implicações epistemológicas. A equivalência entre a Ecologia e a Ecolinguística leva à abordagem de que a língua é constituída de interações que se dão no interior do ecossistema linguístico – considerando o social, o mental e o natural -, a Linguística Ecológica (LE). Abordamos, também, Alfredo Wagner Berno de Almeida (2005), enfocando as questões identitárias com base na representação linguística contextualizada no meio ambiente em que os povos e comunidades estão inseridos; e, com base em Candau (2003), analisamos a educação como caminho de descolonização do poder e do saber. O corpus da pesquisa foi construído através da análise de material e experiências pedagógicas vivenciadas nas escolas indígenas e quilombolas pelos estudantes do curso de pós-graduação, que são professores nas aldeias e quilombos, com perfil de liderança em suas comunidades. Observamos que o patrimônio histórico, linguístico e cultural da educação intercultural fortalece, com base na ecolinguística, o modo como indígenas e quilombolas brasileiros interagem no dia a dia da comunidade, reiterando aspectos da sustentabilidade desses povos. Viu-se que as manifestações culturais e sociais tornam-se uma força da memória social das novas gerações, fortalecendo o aspecto identitário de jovens e crianças nas aldeias e nos quilombos.

Palavras-chave: Educação Intercultural. Escolas indígenas e quilombolas. Linguística Ecológica.

Um olhar ecolinguístico sobre a semântica da Libras

João Paulo Vitório Miranda (UnB)
Alliny de Matos Ferraz Andrade (SEDF/CAS)

Couto (2005) trata o conceito de comunidade a partir da teoria conhecida como Ecologia Fundamental da Língua. Segundo o pesquisador, para que haja uma língua (L) é preciso que exista uma população (P) que a tenha formado e que a use, havendo ainda a necessidade de um território (T) para o convívio. Ao analisar a Língua Brasileira de Sinais, língua oficialmente legitimada por meio da Lei 10.436/2002, após anos de luta pela comunidade surda brasileira, é possível perceber que há a falta de um território (T). Em uma comunidade surda, os sujeitos surdos estão pulverizados no território de uma

comunidade maior, cuja língua majoritária é a língua oral. O presente estudo apresenta como objetivo principal a proposta de refletir sobre como os membros de uma comunidade surda categorizam e classificam linguisticamente o meio ambiente em que vivem, a partir da experiência visual. A fundamentação teórica é a Ecolinguística associada a outras pesquisas em línguas de sinais. A metodologia utilizada contou com a participação de colaboradores surdos, que têm a Língua Brasileira de Sinais como L1 e são participantes da comunidade surda de Brasília, para apresentar sinais utilizados na Libras e ilustrar alguns processos de referência. Assim, a partir da perspectiva da Ecolinguística de Couto (2005), fazemos uma breve reflexão sobre o processo de semantização em Libras desse indivíduo surdo.

Palavras-chave: Ecolinguística. Libras. Semantização.

Pensando a capoeira dentro do ecossistema cultural: reflexões iniciais

Zilda Dourado (UEG/NELIM)

O presente texto tem como objetivo analisar a capoeira dentro da proposta de Ecossistema cultural, proposto por Couto (2016). Para alcançar esse objetivo, o artigo pretende contar a história da capoeira no Brasil, apresentar todos os elementos que constituem a sua prática e, depois, pensá-la dentro do conceito de ecossistema cultural. A cultura é compreendida como um conjunto de signos e sistemas de signos de determinada comunidade, por isso, ela também é linguagem. Nesse sentido, o Ecossistema cultural engloba o ecossistema linguístico, por isso, faz-se necessário pensar a capoeira como mais um componente desse conjunto de signos pelos quais se entende a cultura.

Palavras-chave: Capoeira angola. Ecossistema cultural. Ecossistema linguístico.

O conceito de comunhão revisitado pela linguística ecossistêmica

Anderson Nowogrodzki da Silva (UFG)

Hildo Honório do Couto (UnB)

Elza Kioko N. N. do Couto(UFG)

Temos como objetivo, neste trabalho, visitar a noção de comunhão, observando seu funcionamento como parte fundamental da interação comunicativa prototípica. Partindo dessa consideração, depreendemos outros conceitos fundamentais para o desenvolvimento de uma análise na Ecolinguística, entre eles, destacamos a interação, que é a base da existência do cosmos, estabelecendo-se na relação física entre elementos em movimentação (transformação) contínua. Especificamos, porém, a busca por demonstrar que o objeto de estudo da Ecolinguística é a interação comunicativa, como relação entre indivíduos que culmina na produção de sentidos, consolidando-se como um recorte dentre os diversos tipos de interação possível. Toma forma, assim, um ambiente em que os organismos se relacionam entre si e com o mundo que os rodeia, dando coerência ao cosmos via comunicação. A comunhão, portanto, é o compartilhamento de

valores que propiciam a ligação harmoniosa entre indivíduos interagindo comunicativamente. Em contrapartida, a descomunhão seria a inexistência da interação, diferente de uma interação desarmônica, que, como exceção do protótipo do diálogo, não agrega a comunhão ao conjunto interacional, promovendo uma comunicação instável, conflituosa e que tende a distanciar os interactantes. Pensamos, a partir disso, no que seria, então, uma comunidade de fala, em razão de diferenciar a interação contínua, entre falantes, da interação efêmera, chegando à necessidade da delimitação de um tempo, um espaço e uma população, que compartilhe valores e tenha senso de pertencimento pelo grupo, estando inserida em uma comunidade de língua que a envolve. Este estudo possui cunho teórico e se baseia no resultado de diversas discussões acerca dos conceitos basilares da Ecolinguística. Fundamentamo-nos, para isso, em Couto (2007), Couto *et al* (2015) e Couto, Couto e Borges (2015) e utilizamos exemplos de diálogos para comprovar e esclarecer a operacionalização da teoria, descrevendo e analisando o modo como a comunhão se desloca no ecossistema linguístico e no ecossistema cultural. Inferimos, portanto, que nem toda interação é harmônica e, nessa medida, pode, ou não, existir, no evento comunicativo, a comunhão, levando-nos à criação de tipos de interação (harmoniosa/desarmoniosa).

Palavras-chave: Comunhão. Interação Comunicativa. Comunidade.

As contribuições metodológicas e analíticas da ecolinguística para uma pesquisa funcional discursiva

Roberta Ribeiro (UFT)

Este trabalho apresenta as contribuições da Ecolinguística (COUTO, 2007) tanto no âmbito metodológico quanto no analítico da pesquisa de doutorado intitulada "O português kalunga do Vão de Almas-GO: a transitividade em discursos sobre o parto revelando letramentos". A pesquisa em tela analisa a transitividade do português kalunga, em uma abordagem funcionalista (HOPPER & THOMPSON, 1980; GIVÓN, 2001), em discursos sobre o parto que se encontram presentes na comunidade remanescente de quilombolas Vão de Almas, localizada na região da Chapada dos Veadeiros-GO. Objetivamos uma pesquisa linguística a partir de textos orais e escritos presentes em discursos que revelam práticas, ações, conhecimentos próprios e alheios, memórias, conflitos, sensações e opiniões sobre o parto. Vale destacar que a concepção de discurso adotada está calcada nos Estudos Críticos do Discurso de van Dijk (2000, 2010). Nesse instante, os letramentos (STREET, 2014; BARTON & HAMILTON, 1998) entram em cena à medida que as práticas sociais da comunidade refletem, via transitividade do discurso do parto, os conhecimentos e os ensinamentos do povo kalunga. Desse modo, o presente trabalho encontra-se ancorado na Ecolinguística, metodologicamente, pelo fato da compreensão da tríade Língua-Povo-Território (COUTO, 2007) ampliar o olhar etnográfico, inerente da vivência/pesquisa de campo e também por aproximar a Etnografia da percepção do fenômeno linguístico em estudo. A

consequência disso está nas bases analíticas, visto que a tríade Língua-Povo-Território auxilia no momento de delinear os espectros transitivos que constituem o discurso do parto e seus letramentos.

Palavras-chave: Ecolinguística; Metodologia e Análise; Pesquisa funcional-discursiva.